

COMPORTAMENTO E SIGNIFICAÇÃO: UMA NOTA SOBRE WITTGENSTEIN E O BEHAVIORISMO

Danilo Hoth Cerqueira

UESC

João Carlos Salles

UFBA^{1*}

*Podemos compreender tudo que queremos de
um ponto de vista behaviorista (palavra horrenda)...
Ludwig Wittgenstein²*

I

É preciso por vezes encontrar o filósofo onde menos se espera: na superfície dos textos. Pode ser produtivo então refletir, por exemplo, sobre a ocorrência de algumas expressões, menções, ou mesmo de lacunas e outros recursos que, episódicos, desarticulados ou inadvertidos, denunciam o modo por que reagiu a alguns conceitos ou posições. Em muitos casos, trata-se mais de

1 * A base inicial deste texto é um dos capítulos da Dissertação de Mestrado de Danilo Hoth Cerqueira, para o qual, aliás, o orientador, João Carlos Salles, havia colaborado de forma mais intensiva, como se registrou então em nota. Defendida a Dissertação, o texto foi retomado a quatro mãos, no âmbito de pesquisa apoiada pelo CNPq e pela FAPESB, sendo a versão atual o resultado dessa coautoria.

2 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, Oxford, Oxford University Press, 2000, MS 110, p. 53. Como usitado, indicamos diretamente o manuscrito (MS) ou datiloscrito (TS) do espólio por sua numeração.

uma reação que de uma recepção conceitual, sobretudo quando se trata de Wittgenstein, que não costumava aclimatar palavras estranhas, de sabor técnico, a seu campo reflexivo. Palavras desse tipo, como ‘behaviorismo’ e derivadas, parecem vestidas com roupa de domingo, e desfilam pouco à vontade em seu texto, como se condenadas a pouco movimento e controladas a distância.

Talvez por conta dessa estranheza, escolhemos um caminho pouco inusitado para enfrentar a relação entre Wittgenstein e o behaviorismo. Também é um caminho mais fácil há pouco tempo, quando o espólio se tornou acessível aos pesquisadores. Optamos, então, por trabalhar preferentemente as menções explícitas, adjetivas ou substantivas, de Wittgenstein ao behaviorismo, o modo como ele “conscientemente”, em poucas dezenas de passagens (incluídas as repetições), se posicionou frente ao behaviorismo (de Watson e contemporâneos), enquanto as menções a ‘comportamento’ e derivados, como seria de esperar, são da ordem das centenas.³ Como poderemos ver então, a temática prioritária das menções explícitas incide sobre a separação entre o interno e o externo, à luz da qual se subordina a temática da relação entre significação e comportamento. O interno parece uma dimensão essencial à significação. Essa é uma imagem corrente, contra a qual, exatamente, o behaviorismo forneceria uma série de exemplos estranhos, pouco convencionais, que ultrapassam ou ampliam o território das coisas possíveis. Talvez aí resida o sentido de serem gramaticais e instigantes as suas ficções.

II

No MS 107, cuja redação é de 1930 e faz parte das reflexões de um Wittgenstein preocupado “com o campo visual e temas assemelhados” (ou seja, de um Wittgenstein que não deixa de levar em conta experimentos de psicologia da percepção), encontramos uma primeira menção explícita ao behaviorismo. O behaviorismo começa a interessar sobretudo nesse ponto, quando retorna à filosofia, ao constatar, contra sua opinião anterior, que o *Tractatus* não resolvera definitivamente todos os problemas filosóficos.

³ Por inusitado, esse cuidado com o espólio não deixou de favorecer uma opção de leitura que, em geral, mesmo com outros expedientes, julgamos valiosa, a saber, uma atenção preferencial ao texto e não aos comentadores.

Quando primeiro ocorre a temática do behaviorismo, a questão de fundo é saber se a representação, a capacidade de representar-se, seria uma nota característica de sistemas exclusivamente humanos, de sorte que comportaria algo que não se traduziria em comportamento. Algumas perguntas mostram já o recurso tipicamente wittgensteiniano a exemplos de ficção. É possível discernir o silêncio absoluto da mudez interior, ou seja, da não-familiaridade com os sons? Pode ser estritamente interna, no que importa para a significação, a experiência da dor de dentes? Já nessa reflexão, o comportamento parece sugerir que uma experiência qualquer não seria algo interno, sendo o comportamento um critério da significação. Nesse momento teórico ainda impreciso, o comportamento seria o controle que permitiria a uma proposição “funcionar” como tal.⁴ Mais que isso, porém, o comportamento não poderia ele mesmo se tornar um critério fora da lógica de nossa linguagem, de sorte que são interdições dessa lógica (futuramente, ditas gramaticais) que retirariam significado das expressões “Eu sinto minhas dores” ou “Eu sinto suas dores”, embora tenham sentido as expressões “minhas dores”, “suas dores”, “Eu sinto dores” e “Ele sente dores”.⁵

O comportamento, lugar do uso, depende da lógica da linguagem, que ainda separa o significativo do não-significativo. E nisso, pensa Wittgenstein então, estaria assentada toda controvérsia sobre o behaviorismo.⁶ É, pois, na lógica da linguagem, na separação entre combinações significativas e não significativas, que se demarca o próprio comportamento significativo, e não causalmente o contrário. Os critérios da significação estritamente determinada pelo uso já começam a firmar-se, apesar de o contexto teórico ainda marcadamente verificacionista supor, em última instância, isomorfismo entre linguagem e mundo. Nesse caso, o comportamento seria separável em função das condições de verificação, cabendo decidir quais comportamentos satisfazem as regras da linguagem, quais têm multiplicidade lógica passível de cotejo com o mundo e, portanto, quais podem fazer funcionar como tais as proposições.

O behaviorismo é localizado então em campo de estrita relevância filosófica, já nesse primeiro tratamento, embora nesse momento pareça exemplificar o lugar de uma situação teórica

4 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 107, p. 269-270.

5 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 107, p. 271.

6 “Und darauf scheint mir am Ende die ganze Kontroverse über den Behaviourism zu beruhen.” (WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 107, p. 271.)

confusa e não exatamente uma resposta a tal situação. De qualquer forma, o behaviorismo pode indicar que estados íntimos não podem conter os outros elementos da significação. Como estados, seriam amorfos, aproximando-se mais do campo do 'ver' do que do 'ver como'. O ver amorfo não é, porém, um ver significativo, assim como não faz parte da representação da crença na vinda de alguém o estado íntimo, que nada tem a ver com quem se espera nem com os demais elementos da representação. E, se o ver não é amorfo, é cifrado na proposição que enuncia o que se espera, deseja, etc. O amorfo é o que não está no símbolo; mas tudo de essencial está no símbolo. Se deixamos tal ver amorfo representar-se (como também expectativas, desejos), não o fazemos segundo regras, uma vez que tal ver é antes condição da representação. Esse amorfo, contudo, não está no símbolo que condiciona – o que bem mostrariam as considerações do behaviorismo, a esse respeito bastante apropriadas, justificando-se por essa crítica à introspecção similitudes e razões da simpatia de Wittgenstein por essa corrente psicológica anti-psicologista.⁷

O comportamento pode servir de prova de uma compreensão dada fora dele, como se do amorfo se pudesse concluir uma significação? Não é o comportamento toda compreensão? Em perguntas como essas, diz Wittgenstein, “é oportuno em algum ponto um behaviorismo”.⁸ O behaviorismo aparece-lhe então como artifício benfazejo, ajuda a ver melhor, é oportuno, sem ser por isso verdadeiro. Como ângulo oportuno, faz bom serviço à filosofia, na qual, muitas vezes, é oportuno se colocar de modo mais aparvoado (“gleichsam dümmer”) que o costumeiro, mas exatamente para não driblar as dificuldades na procura do que pode ser essencial, ou seja, na procura de proposições que tocam o limite do significativo.⁹ Assim, com o behaviorismo, é possível ver esse fenômeno da compreensão de fora, sendo mais fácil separar o que é próprio da lógica, o que é objetivo, do que pode ser psicológica ou fisiologicamente interessante. Afinal, seria preciso, vendo de fora, separar o psicológico do que pertence à própria coisa, de modo que, assim, ficaria evidente que a “compreensão, para nós, não é essencialmente um processo interno, pois, à medida que o fosse, não nos interessaria”.¹⁰ Ver de modo aparvoado, criar uma

7 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 108, p. 217.

8 “In diesen Fragen ist irgendwo ein Behaviourism am Platz.” (WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 108, p. 260.)

9 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 108, p. 260.

10 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 108, p. 261.

ficção gramatical, equivaleria aqui a recusar-se a reconhecer como essencial qualquer fenômeno interno que não possa tornar-se visível para os outros.

Onde estaria um indício de behaviorismo benfazejo? Digamos assim, exatamente nesse modo de tratar as questões “de fora”, separando o lógico do psicológico. Seria um modo filosófico de “voltar às coisas mesmas”, ou seja, à significação, ao que pertence às próprias coisas, no que podem ter de essencial. Com isso, separar-se-iam as relações externas (o causal, mesmo de processos internos) das relações internas à significação, o lógico (futuramente, o gramatical). O essencial é um processo de compreensão poder traduzir-se para o outro, e não ser interno.

A perspectiva filosófica alimenta-se então de um behaviorismo, sem contudo confundir-se com ele. Para perceber melhor a diferença, basta enfatizar um desnível na modalidade. Nesse *precisar poder ser* externo (e não simplesmente *ser* externo) está a distinção entre a filosofia de Wittgenstein e o behaviorismo. Se ler, por exemplo, é um processo, não é essencialmente uma questão íntima. Podemos ler em silêncio. Entretanto, sendo ler um processo, “é preciso também poder ser um processo visível”.¹¹ É claro então que a analogia benfazeja se dissolve se levada muito a sério. Ela é bem mais fecunda, caso não se reduza à simples identificação do behaviorismo com uma inferência causal do comportamento ao estado interno – identificação que, eventualmente, pode também ser feita.

III

Em um sentido preciso, a perspectiva de Wittgenstein pode ser chamada de behaviorista, a saber, ao insistir que o pensamento como processo psíquico, como algo oculto e irreduzível a uma linguagem, não lhe interessa. “Se o pensamento é uma seqüência de representações, então o substituiremos por uma seqüência de quadros pintados.”¹² Por trás da cortina, não há nada, não há um algo por detrás da proposição, salvo o cálculo, a linguagem em que a própria proposição é usada. Tampouco há uma ordem mais pura, em relação à qual os signos seriam uma

11 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 110, p. 25.

12 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, TS 302, p. 11.

queda; não havendo uma ordem do pensamento que não seja a mesma da linguagem, ao contrário do afirmado pelo político francês que teria advogado a superioridade da língua francesa, porque nela “as palavras seguiriam exatamente a ordem em que são pensadas”.¹³

Em alguns casos, algum behaviorismo é mesmo valioso, pois ajuda a combater uma tentação natural: a de falar em processos ocultos, etéreos, processos que nunca estariam aí, mas seriam a razão extraordinária dos mecanismos efetivos, corriqueiros, conhecidos de todos. Um certo behaviorismo (certamente, não todo nem o simples behaviorismo), mas apenas um certo viés behaviorista seria valioso “porque nos ensina a pensar no que já temos familiaridade, em vez de nos voltarmos a ficções de nossa linguagem”.¹⁴ Em vez de conduzidos ao raro, ao inusitado, retornaríamos com ele ao solo do conhecido, como se nossa atenção se concentrasse enfim nos relógios e não, misteriosa ou filosoficamente, no tempo.

O behaviorismo seria assim uma parcialidade útil, ajudando a separar dois modos de dizer que costumamos confundir. A forma da evidência e a forma dos dados dos sentidos (a linguagem ao modo da física e a linguagem fenomenológica), e ambas têm igual valor. Ou seja, os dois modos estão em ordem, sobretudo se não pretendem dizer o real. Afinal, em um contexto pragmático, sem especulação abstrata, sem que a linguagem esteja de férias, a frase “Eu vejo...” está em ordem. Entretanto, o behaviorismo talvez não se dê conta disso mesmo que, não obstante, nos ajuda a ver. Ou melhor, certamente não percebe. Sua parcialidade é útil, mas não é cura. Tendo duas possibilidades de narrar o percebido, o behaviorismo opta, quando não precisa haver opção. Assim, como outras correntes, o behaviorismo termina por acreditar em uma descrição pura, quando nada é puro em solo pragmático.

O behaviorismo, como o finitismo em matemática, apesar de seus méritos, terminaria por negar a existência de algo, diz haver apenas isso, mas essa afirmação ou negação acaba por se transformar em seu objetivo e a ele se reduz. Wittgenstein, ao contrário, não pára sua investigação, é terapia (e não ciência), e, por isso, pode afirmar: “eu me exorto sempre de novo a uma tal investigação”.¹⁵ Transformado em teoria, o behaviorismo perde seu interesse terapêutico e

13 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, TS 302, p. 12.

14 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 119, p. 80.

15 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 121, p. 89r.

poderia mesmo ser objeto de terapia, cabendo lembrar que temos critérios determinados para separar um robô de um homem ou a simulação da dor efetiva.¹⁶

Vale notar que, em especial contra o behaviorismo ontológico, que simplesmente negaria a existência de estados mentais, a indiferença quanto à referência na constituição da significação não reduz a sensação a um nada. “Ela não é um algo, mas tampouco é um nada!”¹⁷ Não se negam estados internos, mas sim que deles dependam o emprego correto, por exemplo, da palavra ‘lembrar-se’. Nesse sentido, ao afirmar os comportamentos como critérios da significação, Wittgenstein antes aponta o uso como o oxigênio da significação, servindo o behaviorismo para tecer bons exemplos que, entretanto, não podem deixar de ser ficções gramaticais. O problema do behaviorismo está em dar o passo em falso, aparentemente inocente, de querer conhecer mais de perto um processo, ou seja, de querer conhecer o que não pode ser fixado e, com tal fixação, parece conduzir a negá-lo.

IV

Não há dúvida que o combate à introspecção e também ao etéreo dos fenômenos psicológicos alimenta as simpatias de Wittgenstein pelo behaviorismo. Nesse sentido, repetimos, o behaviorismo apresenta bons exemplos, boas ficções, que ajudam a separar o lógico do psicológico. Estamos nos detendo, é claro, em utilizações explícitas de Wittgenstein da idéia de um behaviorismo, seja como perspectiva, seja como teoria. Um outro exemplo serve à separação entre processos e estados, formulado como o “problema filosófico dos processos

16 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, TS 213, p. 509.

17 WITTGENSTEIN, L., *Philosophische Untersuchungen*, Oxford, Wiley-Blackwell, § 304. Glock distingue três versões do behaviorismo: “No behaviorismo metafísico, nega-se a existência de fenômenos mentais; no behaviorismo metodológico, insiste-se na idéia de que os psicólogos não deveriam evocar tais fenômenos na explicação do comportamento, pelo fato de não serem intersubjetivamente acessíveis; no behaviorismo lógico, afirma-se que as proposições acerca do nível mental são semanticamente equivalentes a proposições acerca de disposições comportamentais.” (GLOCK, Hans-Johann, *Dicionário Wittgenstein*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 157.)

anímicos e do behaviorismo”,¹⁸ quando um passo indevido, por excesso de atenção, pode estar sendo dado. Interessante é notar que nesse caso, como em outros, a formulação do próprio problema pode não ser saudável, pode ser sintoma de que a linguagem entrou em férias. O passo em falso, que acaba por destruir a analogia plausível, consiste nessa aproximação em negar o processo ininteligido nesse meio inexplorado. Cada sinal parece isoladamente morto. Se vive no uso, este pareceria guardar em si essa respiração viva, quando o uso é ele próprio essa respiração.

Um traço teórico indesejável é logo apontado por Wittgenstein. A ênfase teórica no comportamento termina por favorecer a idéia de que o sentido só se fecha após o uso, com o seu término e, logo, por seu resultado. Seria como acreditar que “só saberia o que procuro após tê-lo encontrado”, o que só poderia conduzir a um “absurdo ‘behaviorismo’”.¹⁹ Afinal, como já dissera combatendo Russell, se acaso temos fome e um soco no estômago a faz cessar, não é tal soco que antes almejávamos. Olhando por um ângulo intralingüístico, o significado de ‘flor amarela’ não está mais determinado em “Achei uma flor amarela” que em “Eu procuro uma flor amarela”. Nem tudo, portanto, se resolve ou se completa ao término do comportamento, uma vez que em seu início já temos critérios para seu fechamento. Mas, certamente, a oposição valeria sobretudo contra um behaviorismo tosco, incapaz de discernir entre um sintoma da expectativa e a expressão da expectativa.²⁰

Há três versões do texto em que ele admite poder ser um behaviorista disfarçado. A que se preserva nas *Investigações Filosóficas*, afirmando que, salvo o *comportamento humano*, tudo seria ficção. Uma outra, no MS 124, que registra simplesmente o *comportamento*. E, também, a que afirmaria nada haver por detrás da exteriorização da sensação.²¹ Cumpre notar porém que a ficção que o behaviorismo ajuda a denunciar, a ilusão referencialista que nos faz supor um objeto por detrás da exteriorização lingüística, é apontada enfim como uma visão estreita do funcionamento da linguagem e não uma falsa em qualquer contexto.²² Com efeito, concor-

18 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 116, p. 336.

19 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, TS 211, p. 301.

20 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, TS 212, p. 1024.

21 Cf., e. g., WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 124, p. 5; MS 129, p. 114; MS 161, p. 40r.

22 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 161, p. 40v. Se ficções podem ser denunciadas,

dando com um ponto de vista behaviorista, ele pode afirmar que no pensamento não há nada *essencialmente* privado, mesmo que o possa haver efetivamente – o que contraria, ao menos, o behaviorismo ontológico.²³

O que então haveria de behaviorista em sua concepção (“Das behaviouristische an meiner Auffassung”) consistiria então, como já dissemos, em não separar interno e externo, no que importa para a significação. Isso vale para a lógica à medida que pode distinguir-se de uma qualquer psicologia, pois “na lógica sempre podemos falar ao modo do behaviorismo, uma vez que então não nos interessa a diferença entre externo e interno”.²⁴ Nesse sentido, sempre é possível falar de um ponto de vista “behaviorista” – embora essa palavra lhe pareça verdadeiramente horrenda.²⁵ Também, essa forma de traduzir estados anímicos em comportamentos, tendo a vantagem de separar o lógico do psicológico, de destacar o que é essencial para a significação, essa forma de apresentação se afigura “como que behaviorista” (gleichsam behaviouristischen), sem estritamente o ser. É uma forma um tanto rude, admite, mas não há melhor. Entretanto, também afirma, a depender do contexto, é tão boa quanto outras, pois tampouco o “pensar” pode ser reduzido ao “comportar-se”.²⁶

Wittgenstein, não duvidamos, concebe a compreensão, em algum sentido, de maneira behaviorista.²⁷ Mas, por quê? Primeiro, porque a compreensão não se reduz a um átimo, um agarrar não discursivo da gramática. Segundo, porque, devolvendo o sentido de uma proposição a sua inserção na linguagem ou em um cálculo, não pensa a linguagem ou a tabuada inteiras compactadas internamente. Wittgenstein só pode parecer behaviorista quando combate a concepção “pneumática”, mentalista, contra a qual, com efeito, ele dirige suas baterias, uma vez

outras podem ser úteis, sendo algumas behavioristas – ficções que ele nomeia de materiais. No caso, ficções que podem ser encenadas no palco, porque se traduzem em comportamentos. Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 117, p. 265.

23 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, TS 302, p. 12.

24 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 112, p. 75v.

25 “Scheußliches Wort.” WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 110, p. 53.

26 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 114, p. 81.

27 “Ich fasse das Verstehen also, in irgendeinem Sinne, behaviouristisch auf.” (WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 110, p. 296.)

que comporta a imagem de condição etérea da alma. Entretanto, se a behaviorista é o oposto da concepção pneumática, não hesita em afirmar: “ambas são ruins”!²⁸

V

Muitos são os caminhos que podem tornar rico o diálogo entre a obra de Wittgenstein e uma específica proposta científica. Em especial, considerando a radicalidade do behaviorismo, seu confronto específico com aspectos centrais da filosofia moderna, ele se tornaria bem mais que um simples empreendimento científico, pois eivado de ricas sugestões filosóficas. Além disso, o behaviorismo pôde contemplar mais de um aspecto de interesse filosófico. Tanto pôde afirmar certas teses sobre o mental, quanto, de modo mais tênue, pôde sugerir um recorte metodológico para uma ciência específica. Para Wittgenstein, contudo, o interesse é preciso: “O behaviorístico em minha concepção consiste apenas em que não faço nenhuma distinção entre ‘externo’ e ‘interno’. Porque a psicologia em nada me interessa.”²⁹

Por essa via, ficam claras as razões de sua aversão e sua simpatia, a saber, o combate à visão pneumática da significação, mas sobretudo à separação entre interno e externo. Não deixamos assim de registrar a própria ambigüidade de Wittgenstein, que ora reconhece alguma similaridade com o behaviorismo, ora chega a rejeitar-lhe o próprio termo. E, por isso, simpatia logo se torna aversão, quando a perspectiva do behaviorismo ameaça desandar em teoria. De todo modo, exíguos nossos resultados nessa leitura de superfície, não deixam de indicar suficientemente a clara relevância da temática do behaviorismo para um estudo qualquer sobre a significação em Wittgenstein; a efetiva ligação de Wittgenstein com a temática, documentada em diversos documentos e reiteradas enunciações; bem como a ambigüidade constitutiva de seu tratamento, uma vez que, com o behaviorismo, temos sim um ângulo inusitado, capaz de dar nova luz ao problema, mas um ângulo que não deve tornar-se definitivo, sob pena de uma generalização unilateral da experiência.

28 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 130, p. 3.

29 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, TS 211, p. 310.

As menções explícitas, é claro, em nada esgotam o problema, mas são um bom começo. Situadas na antesala da apresentação dos ricos vínculos entre comportamento e significação, ajudam na leitura de certas passagens da obra. Assim, à luz dessa nota de rodapé, dificilmente leríamos como profissão de fé behaviorista o exemplo de ficção do povo de escravos sem alma,³⁰ e entenderíamos bem a chave wittgensteiniana de que a interpretação sempre se colhe na linguagem. Desse modo, nunca ficaríamos satisfeitos, por exemplo, com reduzir vivências a comportamentos, não sendo adequado descrever o que nos passa na alma pela descrição de movimentos quaisquer. Afinal, fora das distinções postas na linguagem, só pode parecer de todo estranha a identificação, inclusive causal, entre significação e comportamento, tal como imputada por Wittgenstein a essa corrente, que, portanto, não nos ofereceria adequado tratamento linguístico da significação, sendo incapaz, em suma, de mostrar a natureza lógica e não metafísica do anímico: “Behaviorismo. Parece-me que estou triste, [pois] deixo a cabeça inclinar-se assim.”³¹

30 Cf. WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 130, p. 155.

31 WITTGENSTEIN, L., *Wittgenstein's Nachlass*, MS 114, p. 14r.

RESUMO

Neste texto, a partir da análise de menções explícitas ao behaviorismo no espólio de Wittgenstein, procuramos marcar sua distância em relação a posições teóricas em psicologia, mesmo que inspiradoras de sua perspectiva, como parece ser o caso do behaviorismo. Acreditamos, assim, que o registro superficial desse confronto (quase uma nota de rodapé a um misto de simpatia e aversão) pode ajudar-nos a ver o modo específico por que comportamento e significação se articulam na obra de Wittgenstein.

Palavras-chave: Wittgenstein, behaviorismo, significação, comportamento, anímico.

ABSTRACT

In this paper, from the analysis of explicit mentions to behaviorism in Wittgenstein's Nachlass, we try to mark his distance in relation to theoretical positions in psychology, even though they have inspired his perspective, as it seems to be the case of behaviorism. We believe, then, that the superficial register of that comparison (almost a footnote to a mixture of liking and aversion) may help us see the specific way through which behavior and significance are joined in Wittgenstein's work.

Key-words: Wittgenstein, behaviorism, meaning, behavior, animical.